

DIPLOMADOS, MAS DESINTERESSADOS PELO MERCADO DE TRABALHO OU DESEMPREGADOS: A GERAÇÃO 3D^{1,2}

Felipe Garcia Ribeiro³

Marcos Vinício Wink Junior⁴

Thais Waideman Niquito⁵

Ândrea Leite Bergamann⁶

Esta pesquisa documenta a incidência de brasileiros jovens diplomados – indivíduos de 22 a 29 anos com educação superior –, mas desinteressados em participar do mercado de trabalho ou desocupados, definidos neste estudo como geração 3D. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), entre 1995 e 2015 o percentual de pessoas enquadradas no conceito geração 3D aumentou de 10,1% para 16,5%. Quando desmembrados para subgrupos demográficos específicos, verifica-se uma maior incidência entre: pretos e pardos; mulheres; e pessoas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. A investigação empírica das principais características demográficas, econômicas e sociais, baseada em dados da PNAD 2015, revela que as chances de os jovens pertencerem à geração 3D estão associadas positivamente com morar com os pais, com possuir renda que não derive do trabalho, com a escolaridade do chefe do domicílio e com as horas dedicadas aos afazeres domésticos. Diplomados mais jovens tendem a ter maior dificuldade de conseguirem um emprego.

Palavras-chave: geração 3D; empregabilidade; educação superior.

COLLEGE GRADUATES, BUT UNINVOLVED IN THE LABOR MARKET OR UNEMPLOYED

This research reports the incidence of Brazilian young college graduates – individuals between 22 and 29 years old with college degree – but uninvolved in the labor market or unemployed, defined in this study as 3D generation. According to data from Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), between 1995 and 2015, the percentage of people included in the 3D generation increased from 10.1% to 16.5%. Considering specific demographic subgroups, there is a higher incidence between blacks and browns, women and people in the North and Northeast regions. The empirical investigation of the main demographic, economic and social characteristics shows that the chances of young people belonging to the 3D generation are positively associated with living with the parents, having income that does not derive from work, the schooling of the head of the household and the hours spent on housework. The findings also reveal that younger college graduates tend to have greater difficulty to find a job.

Keywords: 3D generation; employability; college education.

JEL: J20; J22; j24.

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/ppe51n1art2>

2. Os autores Marcos Vinício Wink Junior e Thais Waideman Niquito agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapescc) pelo apoio financeiro.

3. Professor adjunto da Universidade Federal de Pelotas. *E-mail:* <felipe.garcia.rs@gmail.com>.

4. Professor adjunto da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). *E-mail:* <marcos.winkjunior@udesc.br>.

5. Professora adjunta da Udesc. *E-mail:* <twaideman@gmail.com>.

6. Professora do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. *E-mail:* <andrea_leite_bergamann@hotmail.com>.

1 INTRODUÇÃO

O entendimento e a busca dos determinantes do ingresso de adolescentes e jovens adultos no mercado de trabalho são motivos de pesquisas há longa data, tanto para países desenvolvidos quanto para países como o Brasil (Lynch, 1983; Keane e Wolpin, 1997; Kramarz e Skans, 2014; Reis, 2015). Entre os jovens, são mais frequentes as altas taxas de rotatividade e a colocação em empregos de baixa qualidade, principalmente, em razão da pouca experiência. Segundo Caliendo e Schmidl (2016), para as empresas, o investimento nesse grupo de trabalhadores é alto, enquanto o custo de encerrar os contratos é baixo.

Tal fenômeno torna a demanda por essa mão de obra muito sensível, aumentando a dificuldade de inserção e a continuidade dos vínculos, especialmente em épocas de crise (Kahn, 2010). Em contrapartida, há evidências, na literatura, de que a educação, principalmente para os níveis mais elevados de escolaridade, facilita o ingresso e a recolocação no mercado de trabalho (Riddell e Song, 2011). Dessa forma, como sugerem Lassibille *et al.* (2001), o capital humano contribui com a redução do tempo de desemprego.

E se, todavia, a educação superior perdesse parte da potência na promoção do emprego entre jovens? Considerando essa relevante questão, este trabalho tem por objetivo documentar e caracterizar o fenômeno, em expansão no país, do aumento do desemprego e da não participação no mercado de trabalho de jovens – pessoas de 22 a 29 anos de idade – com diploma de educação superior. São os diplomados, mas desinteressados pelo mercado de trabalho ou desempregados, definidos neste estudo como geração 3D. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), entre 1995 e 2015, a proporção de jovens da geração 3D passou de 10,1% para 16,5%. A estimação de modelos *logit* multinomial revela que há importantes desigualdades nesta proporção em função de características sociais, econômicas e demográficas.

Diversas razões justificam a realização desta pesquisa. A primeira é que muitos dos principais retornos privados da educação superior materializam-se no mercado de trabalho (Oreopoulos e Petronijevic, 2013). É importante, contudo, que o ingresso nesse mercado não seja tardio, uma vez que o capital humano se deprecia com o desemprego (Laureys, 2014). Assim, indivíduos da geração 3D correm tanto o risco de redução de suas chances de empregabilidade em postos de trabalho compatíveis com suas formações quanto o risco de comprometimento de seus rendimentos futuros. A documentação do fenômeno, com a descrição precisa dos grupos mais atingidos, bem como a identificação de seus principais determinantes, subsidia o desenvolvimento de futuras ações para a minoração do problema.

A segunda razão está relacionada ao investimento público no processo de expansão da educação superior no país, ocorrido nas últimas duas décadas, que

permitiu a inclusão de parcelas da população historicamente excluídas do acesso a esta modalidade de ensino.⁷ É de fundamental importância investigar os resultados que esses novos ingressantes na educação superior estão conquistando no mercado de trabalho. A expansão da rede de educação superior, tanto pública quanto privada, deu-se com cursos das mais diversas qualidades.⁸ Entretanto, há evidências, na literatura, de que não apenas o quantitativo de escolaridade serve como sinal de produtividade – o que tende a gerar benefícios no mercado de trabalho –, mas também a qualidade e a reputação do curso/instituição frequentados (Bacalhau, Mattos e Ponczek, 2019). Nesse contexto, a criação de novos cursos e instituições pode estar relacionada com o processo de aumento do fenômeno geração 3D.

Uma terceira justificativa acerca da importância do tema diz respeito às heterogeneidades do fenômeno. A identificação dos determinantes da geração 3D pode chamar a atenção dos formuladores de políticas públicas para a criação de programas de geração de emprego direcionados às coortes mais nevrálgicas desse grupo. Tal iniciativa pode colaborar com a redução das desigualdades existentes no mercado de trabalho.

Uma quarta e última razão reside no fato de que o aumento do percentual de jovens na geração 3D pode ser uma evidência dos problemas de *overeducation* (sobre-educação) e *misallocation* (distorções alocativas) em educação. A literatura recente documenta que, em países em desenvolvimento, a expansão na oferta relativa de indivíduos com educação superior pode estar em descompasso com a demanda real por esse tipo de trabalhador (Sam, 2018). Segundo Reis (2017), uma das consequências se reflete na remuneração dos trabalhadores. O autor estima que, no Brasil, os retornos da educação, em caso de *overeducation*, tendem a ser a metade do que é auferido pela demanda adequada de escolaridade.

Além desta introdução, este trabalho conta com mais três seções. A seção 2 apresenta a incidência da geração 3D nas últimas décadas, utilizando os dados da PNAD, bem como discute suas possíveis causas e consequências, com base na literatura. A seção 3 aborda a metodologia e os resultados da investigação empírica dos fatores associados a esse fenômeno, discutindo as evidências que surgem por meio de diversas especificações de modelos *logit* e modelos *logit* multinomial. Por fim, a seção 4 traz as considerações finais.

2 GERAÇÃO 3D: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E INCIDÊNCIA

Já está documentado na literatura que crises econômicas exercem efeitos negativos severos entre os jovens (Scarpetta, Sonnet e Manfredi, 2010; Hoynes, Miller e

7. Entre 2000 e 2016, o número de pessoas matriculadas em cursos de graduação aumentou em 143%. Em termos de concluintes, a alta foi ainda maior: 189%.

8. A seção 2 aborda de forma detalhada o tema.

Schaller, 2012). Entre os jovens graduados também há maiores dificuldades de ingresso e menores salários em períodos de baixa *performance* da economia, com possíveis efeitos adversos que se perpetuam ao longo da carreira. Oreopoulos, Wachter e Heisz (2012), com um painel de dados de vinte anos para a economia canadense, encontraram evidências de que pessoas que se diplomam em momentos de recessão experimentam retornos da formação superior no mercado de trabalho significativamente inferiores. Ainda, verificaram que os efeitos negativos de recessão econômica sobre jovens formados são heterogêneos: tendem a ser mais fortes sobre aqueles indivíduos egressos de instituições com menor reputação ou com formação em áreas cujos retornos no mercado de trabalho são intrinsecamente menores. Esse aspecto é particularmente relevante para o Brasil, uma vez que a expansão da rede de ensino superior não esteve, necessariamente, atrelada à melhora (ou mesmo manutenção) da qualidade do ensino.

A tabela 1 apresenta dados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), integrante do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Para cada triênio,⁹ desde 2004, quando o exame passou a ser aplicado, podem ser observados o número total de cursos e o número de cursos com conceito Enade¹⁰ igual a 1 ou 2, considerados insatisfatórios. Enquanto houve uma expansão de quase 85% do número de cursos superiores (de 9.142 para 16.897), aqueles que obtiveram conceito insatisfatório aumentaram em mais de 190% (de 2.001 para 5.822), de modo que a proporção destes em relação ao total passou de 21,89% para 34,46%.

TABELA 1
Número de cursos de ensino superior – Brasil

| Período | Total | Com conceito Enade 1 e 2 | Porcentagem |
|-----------|--------|--------------------------|-------------|
| 2004-2006 | 9.142 | 2.001 | 21,89 |
| 2007-2009 | 12.195 | 3.913 | 32,09 |
| 2010-2012 | 13.527 | 4.056 | 29,98 |
| 2013-2015 | 16.897 | 5.822 | 34,46 |

Fonte: Dados do Enad.
Elaboração dos autores.

Com base na literatura, portanto, verifica-se que a obtenção de um diploma de graduação não garante uma rápida transição dos estudos para o mercado de trabalho. Fatores como a baixa qualidade da educação superior e as crises econômicas

9. As áreas de conhecimento avaliadas pelo Enade são divididas em três grupos, de modo que, a cada triênio, todas as áreas são avaliadas.

10. Embora a avaliação geral dos cursos de graduação seja feita com base em mais dimensões, como composição do corpo docente, infraestrutura, recursos didáticos-pedagógicos, entre outras, optou-se por analisar apenas o conceito Enade, que se refere especificamente ao desempenho dos estudantes nos exames.

devem dificultar o ingresso do jovem no mercado de trabalho. Nesse sentido, *geração 3D* é um conceito criado para definir pessoas diplomadas, mas desempregadas ou desinteressadas em participar da população economicamente ativa (PEA).

Diplomados são aqueles que concluíram pelo menos o curso de graduação. Por sua vez, as pessoas desempregadas (ou desocupadas) são aquelas que, na semana de referência da pesquisa de emprego dos dados da PNAD, reportaram estar sem ocupação, mas estavam tomando alguma providência efetiva para conseguir emprego. Por fim, a ideia de “desinteresse” pelo mercado de trabalho refere-se às pessoas que não participavam da PEA, isto é, aquelas nem ocupadas nem desocupadas, pois não estavam buscando meios de se inserir em alguma ocupação.¹¹ Formalmente, calcula-se a taxa de pessoas na geração 3D como:

$$3D_t = \frac{\text{desocupados}_t + NPEA_t}{\text{ocupados}_t + \text{desocupados}_t + NPEA_t}, \quad (1)$$

em que desocupados_t é o número de pessoas desocupadas no t ; $NPEA_t$ é o número de pessoas que não participam da PEA no ano t ; e ocupados_t é o número de pessoas ocupadas.

A medida descrita pela equação (1) é estimada para o grupo de pessoas com idade entre 22 a 29 anos.¹² Estes são limites *ad hoc*, porém justificáveis. A primeira idade desse grupo, 22 anos, foi estipulada com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e, de acordo com esta, no cenário mais otimista, indivíduos conseguem ingressar na universidade com 17 anos de idade. Como a duração dos cursos pode variar de quatro a seis anos, foi escolhida a média. Assim, considera-se que alguém com diploma de educação superior tenha, ao menos, 22 anos de idade.

Já o limite superior foi definido em 29 anos por duas principais razões. A primeira é que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) costuma agrupar, na mesma categoria etária, pessoas de 22 a 29 anos. A segunda razão é que, embora o número de recém-formados com mais de 30 anos tenha também aumentado no Brasil, é bem possível que este grupo já tenha alguma experiência prévia de mercado de trabalho, ou mesmo que se enquadre, conforme definição das pesquisas amostrais e censitárias do instituto, como pessoa de referência dos domicílios (famílias). Esses pontos podem alterar as decisões de participação no mercado de trabalho para além do que envolve os efeitos de um diploma.

11. Os jovens diplomados, mas que estejam cursando mestrado ou doutorado, não são considerados nem desocupados nem desinteressados e, portanto, não fazem parte da geração 3D.

12. Todas as estimativas consideram os pesos amostrais da pesquisa.

Segundo os dados da PNAD 2015, existiam 24,3 milhões de jovens entre 22 e 29 anos de idade no Brasil. Conforme apresentado na tabela 2, apenas 2,9 milhões tinham curso superior completo, o que corresponde a 12,0% dessa população. No que diz respeito ao mercado de trabalho, 83,5% dos jovens diplomados estavam ocupados, 7,5% eram desinteressados pelo mercado de trabalho e 8,8%, desocupados. Ainda de acordo com a tabela 2, a geração 3D, portanto, correspondia a 16,5% dos jovens diplomados, representando uma parcela significativa de pessoas, quase 480 mil. Embora o número de diplomados tenha crescido significativamente no Brasil entre 1995-2015 (272%), destaca-se que o número de pertencentes à geração 3D cresceu de forma ainda mais significativa (507%). Quando se analisam períodos diferentes, percebe-se um crescimento, por década, de 1,0 ponto percentual (p.p.) da participação da geração 3D na população de jovens diplomados. Dessa forma, além do significativo tamanho desse grupo de jovens, há evidências de uma crescente tendência deste fenômeno no Brasil nas últimas décadas.

TABELA 2
Evolução da geração 3D – Brasil

| Período | População de jovens diplomados | População 3D | Porcentagem de 3D |
|-----------|---|-----------------------|-------------------------|
| 1995 | 782.581 | 79.100 | 10,1 |
| 2005 | 1.624.996 | 216.223 | 13,3 |
| 2015 | 2.912.892 | 479.757 | 16,5 |
| | Média da população de jovens diplomados | Média da população 3D | Porcentagem média de 3D |
| 1992-1999 | 818.632 | 101.198 | 12,3 |
| 2001-2009 | 1.676.511 | 221.735 | 13,2 |
| 2011-2015 | 2.877.702 | 403.020 | 14,0 |

Fonte: Microdados das PNADs 1992-2015.

Elaboração dos autores.

Obs.: 1. Foram considerados jovens aqueles com idade entre 22 e 29 anos.

2. A geração 3D foi calculada conforme a equação (1).

Na tabela 3, busca-se investigar a distribuição da geração 3D com relação a variáveis regionais e sociais. As regiões Norte e Nordeste do Brasil são as que possuem maior proporção de jovens diplomados desinteressados pelo mercado de trabalho ou desocupados, 21,4% e 22,4%, respectivamente. Esse fenômeno é menos representativo nas regiões Sudeste e, principalmente, Sul.

TABELA 3
Distribuição da geração 3D – Brasil (2015)

| Variável | População de jovens diplomados | População 3D | Porcentagem de 3D | |
|------------------------------------|--------------------------------|--------------|-------------------|------|
| Regiões | Norte | 167.721 | 35.854 | 21,4 |
| | Nordeste | 456.086 | 102.202 | 22,4 |
| | Sudeste | 1.450.316 | 220.507 | 15,2 |
| | Sul | 521.224 | 67.460 | 12,9 |
| | Centro-Oeste | 317.545 | 53.734 | 16,9 |
| Cor | Branca | 1.957.584 | 314.018 | 16,0 |
| | Amarela | 42.962 | 3.828 | 8,9 |
| | Preta | 144.596 | 23.822 | 16,5 |
| | Parda | 764.384 | 137.913 | 18,0 |
| | Indígena | 3.366 | 176 | 5,2 |
| Sexo | Masculino | 1.139.682 | 131.177 | 11,5 |
| | Feminino | 1.773.210 | 348.580 | 19,7 |
| Escolaridade do chefe do domicílio | Fundamental incompleto | 421.992 | 65.930 | 15,6 |
| | Fundamental completo | 221.688 | 39.026 | 17,6 |
| | Médio completo | 992.920 | 176.136 | 17,7 |
| | Superior completo | 1.272.820 | 198.665 | 15,6 |
| Localidade | Rural | 93.048 | 14.993 | 16,1 |
| | Urbano | 2.819.844 | 464.764 | 16,5 |

Fonte: Microdados da PNAD 2015.

Elaboração dos autores.

Obs.: 1. Foram considerados jovens aqueles com idade entre 22 e 29 anos.

2. A geração 3D foi calculada conforme a equação (1).

A tabela 2 também mostra uma predominância relativa da geração 3D entre pessoas pretas e pardas. Do total de jovens diplomados pretos e pardos, 16,5% e 18,0%, respectivamente, pertencem à geração 3D. Os amarelos e os indígenas são os que apresentam menor incidência relativa desse fenômeno (8,9% e 5,2%).

Com relação ao sexo, a população de mulheres pertencente à geração 3D é significativamente maior que a do homem. Em termos proporcionais, 19,7% das jovens diplomadas são desinteressadas pelo mercado de trabalho ou desocupadas. Para os homens, esse valor é de apenas 11,5%. Tal fenômeno pode ser explicado pela maior dificuldade de as mulheres conseguirem o primeiro emprego (Reis, 2015).

A escolaridade dos pais é evidenciada pela literatura como um dos determinantes da educação dos filhos (Corseuil, Santos e Foguel, 2001). A escolaridade do chefe do domicílio pode ser interpretada como uma *proxy* para a educação dos pais.

A tabela 3 mostra que 44% dos jovens diplomados residem em domicílios cujo chefe também possui curso superior. Entre os pertencentes à geração 3D, os graus de escolaridade do chefe do domicílio mais frequentes são, no entanto, ensinos fundamental e médio completo. Por fim, a análise descritiva dos dados não aponta diferenças significativas entre a proporção de jovens 3D nas zonas rural (16,1%) ou urbana (16,5%).

3 INVESTIGAÇÃO DOS FATORES ASSOCIADOS: MÉTODOS E RESULTADOS

3.1 Método

Como mencionado na seção 1, além de documentar e acompanhar a evolução da incidência de pessoas na geração 3D, este trabalho também tem por objetivo investigar quais são as principais dimensões demográficas, sociais, econômicas e educacionais associadas a esse fenômeno. Assim como para a investigação da evolução do fenômeno geração 3D apresentada na seção 2, a PNAD é a fonte de dados para a investigação empírica dos fatores associados. Especialmente, utilizam-se os dados da edição de 2015. Essa base permite analisar, além da decisão sobre a participação no mercado de trabalho, as características sociais dos jovens e de suas famílias. A amostra adotada nas estimações deste trabalho contempla 3.263 jovens diplomados de todas as Unidades da Federação (UFs) em 2015.

As variáveis consideradas como possíveis determinantes da decisão dos jovens de participarem no mercado de trabalho podem ser divididas em duas grandes categorias: i) variáveis binárias; e ii) variáveis contínuas.

As variáveis binárias consideradas são: cor, estado civil, sexo, localidade do domicílio, se é chefe de domicílio, se é migrante, se possui pós-graduação, se convive com criança ou idoso no domicílio e se possui renda que não se origina do trabalho. Já as variáveis contínuas são: idade, renda domiciliar *per capita*, horas dedicadas a afazeres domésticos, escolaridade do chefe do domicílio, número de pessoas residentes no domicílio e número de cômodos.

Para identificar os determinantes da presença dos jovens diplomados em cada uma das categorias, emprega-se uma extensão simples do modelo *logit*, chamado de modelo *logit* multinomial. Considerando que o jovem diplomado estará classificado em apenas uma categoria j das três possíveis (ocupado, desinteressado ou desocupado), a probabilidade de pertencer a cada categoria é dada por:

$$P(y = j|x), j = 1,2,3. \quad (2)$$

Seguindo a apresentação utilizada por Cameron e Trivedi (2010), o modelo *logit* multinomial pode ser escrito como:

$$P(y_i = j|x_i) = \frac{\exp(x_i'\beta_j)}{\sum_{k=1}^3 \exp(x_i'\beta_k)}, j = 1,2,3, \quad (3)$$

em que x_i são as características individuais. Para garantir a identificação do modelo, β_j é padronizado em zero para uma das categorias e, assim, os coeficientes são estimados em relação a essa categoria de referência. Para facilitar a interpretação dos resultados desta estimação, podemos construir a razão de risco relativa, em relação à primeira categoria ($j = 1$), que neste trabalho é ocupado. Dessa forma, a razão de risco relativa de pertencer a categoria j em detrimento da categoria 1 (ocupado) é dada por:

$$\frac{p(y_i=j|x_i)}{p(y_i=1)} = \exp(x_i'\beta_j). \quad (4)$$

A estimação do modelo *logit* multinomial é feita através do método de máxima verossimilhança, e o estimador $\hat{\theta}$ é resultado da maximização da função *log-verossimilhança*:

$$\ln L(\theta) = \sum_{i=1}^N \sum_{j=1}^3 y_{ij} \ln F_j(x_i, \theta), \quad (5)$$

em que a amostra tem N observações independentes, e a distribuição é multinomial.

Além das chances relativas, apresentam-se graficamente as probabilidades estimadas para cada uma das categorias, explorando os diferentes níveis de intensidade das covariadas.

3.2 Resultados e discussão

Esta subseção apresenta os resultados das estimações dos determinantes da participação dos jovens diplomados no mercado de trabalho. Na tabela 4, apresentam-se as estimações do modelo *logit* dos determinantes da geração 3D, ou seja, aqueles jovens diplomados, mas desinteressados pelo mercado de trabalho ou desocupados. Por sua vez, na tabela 5, apresentam-se os resultados das estimações do modelo *logit* multinomial, que investiga de forma separada os determinantes de cada uma das categorias. São consideradas, em ambas as tabelas, além do resultado da amostra completa, resultados somente para homens e somente para mulheres, com o objetivo de investigar possíveis mudanças dos determinantes com relação ao sexo. Por fim, utilizando o modelo *logit* multinomial, calculam-se as probabilidades de o jovem diplomado pertencer a cada grupo, considerando diferentes intensidades das covariadas.

A tabela 4¹³ apresenta os efeitos marginais médios do modelo *logit* cuja variável dependente identifica se o jovem diplomado pertence à geração 3D. Não existem, segundo as estimativas, efeitos significativos das variáveis binárias de raça, de estado civil, de sexo, de decisão com relação à migração e de possuir idosos no domicílio sobre a probabilidade do indivíduo ser 3D. Jovens residentes em áreas rurais têm, em média, probabilidade inferior em 8,2 p.p. de pertencer a esse grupo. Esse valor não tem mudanças significativas entre homens e mulheres. Outro determinante que está associado a uma redução da probabilidade de o indivíduo pertencer ao grupo 3D é se ele é chefe de domicílio. Esses jovens têm, em média, probabilidade menor em 10,0 p.p. de pertencer ao grupo 3D. Da mesma forma, jovens diplomados que possuem criança no domicílio são menos prováveis de pertencer a esse grupo em cerca de 7,0 p.p. Ressalta-se a maior magnitude do efeito marginal médio estimado para os homens em cerca de 4,0 p.p.

Duas variáveis binárias parecem ter efeitos significativos em aumentar a probabilidade de os jovens diplomados pertencerem à geração 3D. A primeira é se ele possui alguma pós-graduação. Essa decisão parece estar relacionada com uma maior probabilidade de 13,0 p.p. de o indivíduo pertencer a esse grupo. A análise dos efeitos heterogêneos entre homens e mulheres sugere que esse resultado decorre do efeito sobre as mulheres. A segunda variável binária é com relação à renda que não se origina do trabalho. Nesse sentido, as estimativas sugerem que o recebimento dessa renda está relacionado com um aumento de quase 23,0 p.p. sobre a probabilidade de pertencer ao grupo 3D. Esse resultado é semelhante quando analisamos apenas homens ou apenas mulheres.

Com relação às variáveis contínuas analisadas, apenas o número de pessoas no domicílio não é um determinante estatisticamente significativo. O efeito marginal médio da variável *idade* indica que um ano a mais de idade está associada a uma redução de cerca de 0,8 p.p na probabilidade de o jovem pertencer à geração 3D. Esse resultado é explicado, principalmente, pelo comportamento dos homens, cuja magnitude do efeito marginal é maior que o das mulheres (2,0 p.p.).

A renda domiciliar *per capita* é outro determinante que parece estar associado negativamente com a probabilidade de o jovem ser da geração 3D. Como a variável foi utilizada na sua forma logarítmica, interpreta-se que um aumento da renda em 10% reduz a probabilidade de o indivíduo pertencer ao grupo em 1,5 p.p. Embora os efeitos sejam significativos a 1% para ambos os sexos, a magnitude do efeito parece ser mais forte para as mulheres. Existem, entretanto,

13. Foram realizadas especificações contendo as variáveis de interação *mulher*chefe de domicílio* e *mulher*mãe*. Essas variáveis não foram significativas em nenhum dos modelos estimados e também não alteraram os demais resultados encontrados.

algumas variáveis que estão associadas a um aumento da probabilidade de os jovens pertencerem à geração 3D.

As estimativas sugerem que uma hora semanal a mais de afazeres domésticos amplia a probabilidade em 0,5 p.p. Um ano a mais de estudo do chefe do domicílio amplia a probabilidade de o jovem pertencer à geração 3D em um pouco mais de 1,0 p.p. Esse resultado decorre principalmente do efeito da escolaridade do chefe do domicílio sobre as mulheres. Por fim, outra variável que também captura o padrão de vida do jovem e está relacionada positivamente com a probabilidade de o jovem ser 3D é o número de cômodos do domicílio. Um cômodo a mais está relacionado com um aumento de quase 2,0 p.p. nessa probabilidade. Igualmente à variável de renda domiciliar *per capita*, a magnitude do efeito é maior para as mulheres.

TABELA 4
Determinantes da geração 3D: estimativas logit dos efeitos marginais

| Variáveis | Toda a amostra | Homens | Mulheres |
|--|----------------------|----------------------|----------------------|
| | (1) | (2) | (3) |
| Negro | -0,007 (0,015) | -0,026 (0,025) | 0,006 (0,0194) |
| Casado | 0,001 (0,052) | -0,001 (0,081) | -0,0005 (0,065) |
| Homem | -0,020 (0,017) | | |
| Rural | -0,082*** (0,030) | -0,090*** (0,034) | -0,073* (0,038) |
| Chefe do domicílio | -0,100*** (0,016) | -0,079*** (0,023) | -0,096*** (0,022) |
| Migrante | 0,007 (0,022) | -0,043* (0,026) | 0,016 (0,029) |
| Pós-graduação | 0,129** (0,061) | 0,090 (0,063) | 0,164* (0,084) |
| Pessoas entre 0 e 14 anos no domicílio | -0,077*** (0,016) | -0,106*** (0,021) | -0,069*** (0,020) |
| Pessoa de mais de 60 anos no domicílio | 0,032 (0,020) | 0,011 (0,029) | 0,033 (0,025) |
| Outro rendimento | 0,228*** (0,047) | 0,197*** (0,068) | 0,231*** (0,059) |

(Continua)

(Continuação)

| Variáveis | Toda a amostra | Homens | Mulheres |
|------------------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| | (1) | (2) | (3) |
| Idade | -0,008** (0,003) | -0,021*** (0,005) | -0,002 (0,004) |
| Log da renda domiciliar per capita | -0,153*** (0,003) | -0,112*** (0,016) | -0,171*** (0,014) |
| Horas de afazeres domésticos | 0,005*** (0,0006) | 0,006*** (0,001) | 0,005*** (0,0007) |
| Escolaridade do chefe do domicílio | 0,011*** (0,002) | 0,006* (0,004) | 0,014*** (0,003) |
| Pessoas no domicílio | 0,002 (0,006) | 0,014 (0,009) | 0,0007 (0,008) |
| Número de cômodos no domicílio | 0,018*** (0,003) | 0,011** (0,005) | 0,023*** (0,004) |
| Número de observações | 3.263 | 979 | 2.284 |

Fonte: Microdados da PNAD 2015.

Elaboração dos autores.

Obs.: 1. *** significante a 1%; ** significante a 5%; * significante a 10%.

2. Erros-padrão robustos em parêntese.

3. Regressões estimadas com efeitos fixos de UF.

4. A amostra é composta de jovens diplomados com idade entre 22 e 29 anos.

Os resultados do modelo *logit* multinomial são apresentados na tabela 5. Conforme já mencionado, essa estratégia empírica exige a utilização de uma categoria-base, que neste trabalho é estar ocupado. As estimações sugerem que não há relação da cor com a propensão de o jovem ser desinteressado pelo mercado de trabalho ou desocupado, em relação a trabalhar. O mesmo acontece com relação ao estado civil. Quando se analisa apenas a amostra composta por homens, no entanto, ser casado parece reduzir quase a zero a chance de o jovem ser desinteressado pelo mercado de trabalho.

Jovens localizados em áreas rurais, segundo as estimativas, têm chance 70% menor de pertencerem ao grupo dos desocupados em vez de ocupados. Destaca-se, também, que, apenas para homens, ser residente em área rural praticamente extingue a chance relativa de o jovem ser desinteressado pelo mercado de trabalho. Esse resultado, embora tenha o mesmo sinal, não é significativo para a amostra composta apenas por mulheres ou para ambos os sexos. Essas estimativas estão de acordo com as tendências encontradas por Leme e Wajnman (2000). Nesse trabalho, os autores constataam um crescimento, entre a década de 1980 e 1990, da participação dos jovens residentes em áreas rurais que trabalham e estudam.

A variável *chefe de domicílio* foi estatisticamente significativa em todas as estimativas. Dessa forma, ser chefe de domicílio está associado a uma redução da chance relativa em cerca de 60% de o jovem ser desinteressado pelo mercado de trabalho ou desocupado. Em contrapartida, ser migrante não parece ter relação significativa com a decisão sobre o mercado de trabalho do jovem.

Ainda que o efeito estimado de o jovem ter pós-graduação sobre a chance de ele ser desinteressado pelo mercado de trabalho tenha sido positivo para a amostra como um todo, ele só foi significativo, a pelo menos 10%, para os homens. O efeito sobre a propensão de o jovem ser desocupado, entretanto, foi significativo em 5% para toda amostra. Embora esse resultado não seja esperado, ressalta-se que são muito poucos jovens com essa característica no Brasil, o que pode prejudicar a confiança sobre essa estimativa. Outro fator que pode explicar o resultado é que, em 2015, em meio a uma instabilidade econômica, os indivíduos desse grupo, em função de suas formações acadêmicas, estavam dispostos a permanecer mais tempo desocupados, aguardando salários maiores.

Como já esperado, possuir criança de até 14 anos de idade no domicílio reduz a chance de o jovem ser desinteressado ou desocupado, em relação a trabalhar. O efeito é mais forte sobre a propensão em ser desocupado, reduzindo a chance relativa em mais de 60%. Esse resultado é ainda mais forte para os homens (mais de 80%). Por sua vez, possuir idosos com mais de 60 anos no domicílio não tem relação significativa com a chance relativa de o jovem pertencer a um dos grupos.

A última variável binária considerada é se o jovem possui alguma fonte de renda que não derive do trabalho. Os resultados das estimativas sugerem que possuir outra fonte de renda amplia consideravelmente a chance relativa de o jovem ser desinteressado pelo mercado de trabalho e de ser desocupado. A chance relativa de ser desinteressado é multiplicada por quase quatro, enquanto a chance de ser desocupado, por quase cinco.

As estimativas sugerem que a idade reduz a chance relativa de o indivíduo ser desinteressado pelo mercado de trabalho. Esse resultado, no entanto, foi significativo apenas para a amostra de homens. De forma semelhante, a idade também parece reduzir as chances de o jovem ser desocupado. Esse resultado é significativo nas estimações para toda a amostra e apenas para homens. Um ano a mais de estudo está associado a uma redução de quase 10% na chance relativa de ser desocupado.

Outra variável que, segundo as estimativas, diminui as chances de o jovem ser desinteressado pelo mercado de trabalho e de ser desocupado é a renda domiciliar *per capita*. Um aumento da renda de 10% está associado a uma redução da chance relativa de o jovem ser desinteressado pelo mercado de trabalho em quase 7% e de ser desocupado em quase 8%. Esse resultado é esperado pela forma como a variável é construída, uma vez que, se o jovem é ocupado, ele contribui positivamente com a renda domiciliar *per capita*.

As taxas de risco relativa estimadas para a variável *horas semanais dedicadas a afazeres domésticos* são maiores que 1, indicando que mais horas dedicadas a afazeres domésticos ampliam a propensão relativa de os jovens em serem desinteressados ou desocupados. Destaca-se que a magnitude das estimativas é semelhante entre homens e mulheres. Conforme evidenciado por Madalozzo, Martins e Shiratori (2010), a educação mais elevada provoca maior poder de barganha para as mulheres na alocação de horas em afazeres domésticos, o que explicaria o resultado.

As estimativas sugerem que a escolaridade do chefe do domicílio está associada a uma maior chance relativa de o jovem ser desinteressado pelo mercado de trabalho ou desocupado. Um ano a mais de escolaridade do chefe aumenta em 13% a chance de o jovem ser desinteressado e em 8% de o jovem ser desocupado, em relação a ser ocupado. Na análise separada por sexo, os resultados se mantêm significativos apenas para a amostra de mulheres. Corseuil, Santos e Foguel (2001) destacam que pais com maior escolaridade tendem a obter mais sucesso em elevar os anos de estudo dos filhos. Como sugerem Tillmann e Comim (2016), entretanto, a maior escolaridade dos pais pode ser interpretada como uma maior renda permanente da família, o que poderia explicar os resultados encontrados.

TABELA 5
Determinantes da geração 3D: taxas de risco relativas da aplicação do modelo *logit* multinomial

| Variáveis | Toda a amostra | | Homens | | Mulheres | |
|--|---------------------|---------------------|-----------------------------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| | Desinteressado | Desocupado | Desinteressado | Desocupado | Desinteressado | Desocupado |
| | (1) | (2) | (3) | (4) | (5) | (6) |
| Negro | 0,944 (0,165) | 0,936 (0,149) | 1,067 (0,472) | 0,634 (0,263) | 0,965 (0,186) | 1,125 (0,202) |
| Casado | 0,954 (0,484) | 1,033 (0,571) | 0,000000001*** (0,0000000006) | 1,173 (1,192) | 1,050 (0,595) | 0,954 (0,627) |
| Homem | 0,533*** (0,123) | 1,075 (0,183) | | | | |
| Rural | 0,601 (0,248) | 0,301** (0,180) | 0,0000000004*** (0,0000000002) | 0,173 (0,238) | 0,716 (0,301) | 0,352 (0,233) |
| Chefe do domicílio | 0,351*** (0,089) | 0,421*** (0,099) | 0,326* (0,207) | 0,354** (0,152) | 0,376*** (0,111) | 0,500** (0,149) |
| Variáveis binárias | | | | | | |
| Migrante | 0,962 (0,259) | 1,114 (0,247) | 1,311 (0,736) | 0,366* (0,207) | 0,879 (0,270) | 1,376 (0,344) |
| Pós-graduação | 1,999 (0,940) | 2,928** (1,27) | 4,351* (3,829) | 2,082 (1,362) | 2,007 (1,082) | 3,539** (1,893) |
| Pessoas entre 0 e 14 anos no domicílio | 0,706* (0,149) | 0,376*** (0,071) | 0,176 (0,19272) | 0,172*** (0,094) | 0,799 (0,185) | 0,434*** (0,089) |
| Pessoa de mais de 60 anos no domicílio | 1,217 (0,266) | 1,340 (0,252) | 0,696 (0,373) | 1,251 (0,497) | 1,302 (0,309) | 1,242 (0,273) |
| Outro rendimento | 3,788*** (1,158) | 4,834*** (1,501) | 9,733*** (6,122) | 4,905*** (2,699) | 3,323*** (1,208) | 4,771*** (1,818) |

(Continua)

(Continuação)

| Variáveis | Toda a amostra | | Homens | | Mulheres | |
|------------------------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| | Desinteressado | Desocupado | Desinteressado | Desocupado | Desinteressado | Desocupado |
| | (1) | (2) | (3) | (4) | (5) | (6) |
| Idade | 0,970 (0,038) | 0,913*** (0,031) | 0,701*** (0,065) | 0,786*** (0,064) | 1,019 (0,045) | 0,953 (0,036) |
| Log da renda domiciliar per capita | 0,323*** (0,043) | 0,248*** (0,032) | 0,745 (0,328) | 0,176*** (0,047) | 0,285*** (0,042) | 0,272*** (0,040) |
| Horas de afazeres domésticos | 1,051*** (0,007) | 1,038*** (0,006) | 1,081*** (0,028) | 1,067*** (0,022) | 1,047*** (0,007) | 1,035*** (0,007) |
| Escolaridade do chefe do domicílio | 1,128*** (0,029) | 1,081*** (0,024) | 1,019 (0,060) | 1,097 (0,069) | 1,153*** (0,032) | 1,077*** (0,026) |
| Pessoas no domicílio | 0,931 (0,066) | 1,089 (0,071) | 1,477* (0,324) | 1,116 (0,163) | 0,885 (0,073) | 1,112 (0,082) |
| Número de cômodos no domicílio | 1,193*** (0,043) | 1,149*** (0,040) | 1,028 (0,092) | 1,181** (0,100) | 1,222*** (0,049) | 1,156*** (0,045) |
| Número de observações | | 3.263 | 979 | | | 2.284 |

Fonte: Microdados da PNAD 2015.

Elaboração dos autores.

Obs.: 1. *** significante a 1%; ** significante a 5%; * significante a 10%.

2. Erros-padrão robustos em parêntese.

3. Regressões estimadas com efeitos fixos de UF.

4. A amostra é composta de jovens diplomados com idade entre 22 e 29 anos.

5. Categoria-base é a categoria ocupado.

Conforme a tabela 5, não há relação significativa consistente entre a propensão de o jovem estar em alguma das categorias analisadas e o número de pessoas no domicílio. Todavia, com relação à variável *número de cômodos*, as estimativas foram significativas. Um cômodo a mais no domicílio está associado, em média, a um aumento da chance relativa de o jovem ser desinteressado pelo mercado de trabalho em quase 20% e de ser desocupado em quase 15%. As estimativas parecem ser mais robustas na amostra composta apenas de mulheres. Em uma primeira análise, esse resultado poderia ser contraditório com o resultado da variável de renda domiciliar. Ressalta-se, no entanto, que jovens ocupados não devem contribuir significativamente com o aumento de cômodos do domicílio, diferentemente do que ocorre com renda. Nesta fase da vida, jovens ocupados buscam independência deixando de viver com os pais. Esse resultado está de acordo com as evidências encontradas por Menezes-Filho e Picchetti (2000) para a região metropolitana de São Paulo, as quais indicam que mais de 50% dos desempregados moram com os pais.

Uma extensão possível, a partir das especificações já apresentadas, é estimar as probabilidades de os jovens diplomados pertencerem a cada uma das categorias possíveis (ocupado, desinteressado e desocupado), considerando diferentes covariadas binárias. Os resultados, em geral, não diferem das estimações já mostradas, mas

possibilitam uma interpretação alternativa e informativa dos determinantes da escolha dos jovens diplomados com relação ao mercado de trabalho.

Considerando a variável binária *sexo*, ao fixarmos as demais covariadas em seus valores médios, em um contexto onde todos na amostra fossem do sexo masculino, as probabilidades geradas de ser ocupado e desocupado são maiores para os homens (89,0% e 7,3% contra 87,0% e 6,6%, respectivamente). As diferenças não são, entretanto, estatisticamente significativas. Se todos na amostra fossem homens, contudo, seria esperado que apenas 3,4% fossem desinteressados pelo mercado de trabalho. Por sua vez, se todos fossem mulheres, esse valor seria mais de 6,0%. Essas probabilidades são estatisticamente diferentes a 95,0% de confiança.

Com relação à condição do indivíduo no domicílio, se todos na amostra fossem chefes do domicílio, esperar-se-ia que 94,0% dos indivíduos fossem ocupados; 2,5%, desinteressados; e 3,5%, desocupados. Esses valores são estatisticamente diferentes do caso em que não houvesse chefes de domicílio na amostra (85,3%, 6,5% e 8,2%, respectivamente). Chefes de domicílio são mais propensos a serem ocupados e menos propensos a serem desinteressados pelo mercado de trabalho e desocupados.

Como evidenciado anteriormente, possuir renda que não se origine do trabalho aumenta a chance de o jovem diplomado ser desinteressado e desocupado. Se toda a amostra fosse composta por indivíduos com outra renda, considerando as demais covariadas em seus valores médios, seria esperado que 64,0% da população de interesse fosse ocupada; 13,5%, desinteressada; e 22,5%, desocupada. Esses valores são estatisticamente diferentes do caso em que não houvesse indivíduos com outra renda, 88,6%, 5,0% e 6,4%, respectivamente.

Por fim, se todos os domicílios possuíssem crianças, seria esperado que 92,2% dos jovens pertenceriam à categoria ocupado; 4,2%, desinteressado; e 3,5%, desocupado. Em contrapartida, no caso hipotético em que não houvesse crianças nos domicílios em toda a amostra, as probabilidades seriam 85,7%, 5,6% e 8,7%, respectivamente. Os valores são estatisticamente diferentes, entretanto, apenas para as categorias ocupado e desocupado.

Um outro exercício que pode ser realizado é estimar as probabilidades dos jovens diplomados pertencerem a cada uma das categorias, considerando diferentes níveis de intensidade dos determinantes contínuos investigados. O gráfico 1 apresenta esses resultados. Em todos os gráficos, foram geradas as probabilidades considerando as demais covariadas do modelo, apresentado na tabela 5, em seus valores médios. Foram também construídos intervalos de 95% de confiança para as estimações.

Verifica-se que, para qualquer idade, a probabilidade maior é de que sejam ocupados. Se todos os jovens possuísem 22 anos de idade, todavia, seria esperado que 78% deles estivessem ocupados. Em contrapartida, com 29 anos, esse valor se eleva para 84%.

Com relação à renda domiciliar *per capita*, percebe-se um comportamento não linear. Para níveis baixos de renda domiciliar *per capita*, jovens diplomados ocupados tendem a ser a categoria menos provável, enquanto a categoria *desocupado* é a mais provável. Enquanto as probabilidades de ser ocupado crescem com a renda, as probabilidades de ser desinteressado pelo mercado de trabalho ou de ser desocupado caem. Como discutido anteriormente, esse fenômeno pode ser explicado, ao menos em parte, pelo fato de que o jovem que está trabalhando contribui com a renda domiciliar.

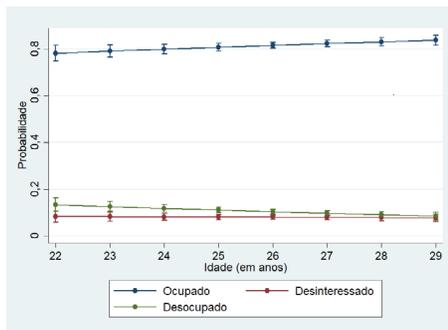
Horas dedicadas a afazeres domésticos são outro determinante da probabilidade de o jovem diplomado pertencer a cada categoria. Como mostra o gráfico 1C, para níveis baixos de afazeres domésticos, a maior probabilidade é de que o jovem se enquadre na categoria ocupado. No caso hipotético em que os jovens não alocassem horas em trabalhos domésticos, esperar-se-ia que 89% deles estivessem ocupados; 4%, desinteressados; e 7%, desocupados. Quanto mais horas dedicadas aos afazeres domésticos, entretanto, menores tendem a ser as chances de os jovens serem ocupados e maiores as chances de serem desinteressados ou desocupados. Para níveis muito altos de trabalho em casa, as probabilidades estimadas de pertencer a cada uma das categorias chegam a ser estatisticamente iguais. Certamente há uma endogeneidade presente neste determinante. Por não estarem ocupados, jovens poderiam alocar maior parte do tempo em atividades domésticas.

Por fim, o último determinante analisado é a escolaridade do chefe do domicílio. Cada ano de estudo do chefe do domicílio está associado com a redução das chances de o jovem diplomado ser ocupado. Considerando a situação hipotética em que todos os chefes de domicílio não tivessem frequentado a escola, seria esperado que 91% dos jovens fossem ocupados. Já no caso oposto, em que todos os chefes possuísem escolaridade máxima (quinze anos de estudo), seria esperado que 77% dos jovens diplomados fossem ocupados, aumentando as chances de serem desinteressados ou desocupados.

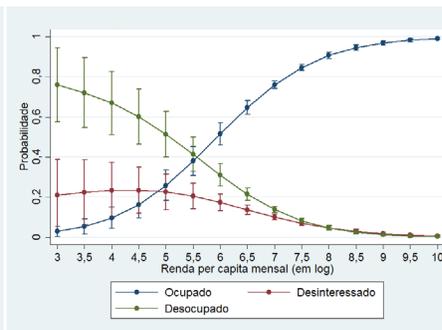
GRÁFICO 1

Probabilidades geradas pelo modelo *logit* multinomial para diferentes intensidades das variáveis contínuas

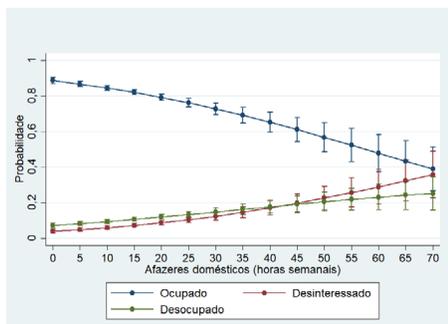
1A – Idade



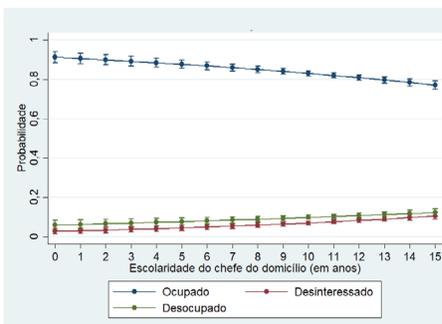
1B – Renda



1C – Afazeres domésticos



1D – Escolaridade do chefe



Fonte: Microdados da PNAD 2015.

Elaboração dos autores.

Obs.: 1. Intervalo de confiança de 95%.

2. Figura cujos layout e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi documentar e caracterizar a evolução do número de brasileiros jovens diplomados, mas desocupados ou desinteressados pelo mercado de trabalho, definidos neste estudo como geração 3D. Para tanto, foi mostrada a evolução histórica do fenômeno, bem como foi realizada a investigação empírica dos principais fatores a ele associados.

Os resultados sugerem uma evolução crescente da geração 3D no Brasil. Entre 1995 e 2015, o número de pessoas que faziam parte desse grupo cresceu em mais de 400 mil, totalizando 479.757 pessoas. Este aumento foi de 6,4 p.p., de 10,1% para 16,5%. Além disso, verificou-se heterogeneidade na composição desse grupo.

Entre os indivíduos pretos e pardos, a proporção de pessoas pertencentes à geração 3D é maior. O mesmo acontece para mulheres e pessoas residentes nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Com base na literatura, duas hipóteses foram levantadas para buscar explicar esse fenômeno crescente. A primeira tem relação com a qualidade dos cursos de educação superior no Brasil. Como visto, há um aumento na proporção de cursos com conceito Enade considerado insatisfatório. A segunda hipótese é de que crises econômicas afetam, principalmente, os indivíduos que estão ingressando no mercado de trabalho. É necessário, portanto, discutir políticas públicas voltadas ao aumento da qualidade da educação superior no Brasil e que busquem facilitar a transição dos jovens das universidades para o mercado de trabalho. Segundo Caliendo e Schmidl (2016), políticas direcionadas ao fomento da primeira oportunidade são comuns em diversos países.

No que se refere ao exercício empírico, a estimação de modelos de probabilidade para identificação de fatores associados constatou que as chances de os jovens pertencerem à geração 3D estão relacionadas positivamente com morar com os pais, com possuir renda que não derive do trabalho, com a escolaridade do chefe do domicílio e com as horas dedicadas aos afazeres domésticos. Há também evidências de que diplomados mais jovens tendem a ter maior dificuldade de conseguirem um emprego, enquanto que homens casados e de zona rural têm chances praticamente nulas de serem desinteressados pelo mercado de trabalho.

Não foi abordada por este trabalho a “aderência” entre a formação da educação superior e a ocupação exercida no mercado de trabalho. Este é um tema que recebe atenção dos economistas há bastante tempo, e, possivelmente, um refinamento da medida proposta para o acompanhamento do fenômeno geração 3D seja recomendável.

REFERÊNCIAS

- BACALHAU, P.; MATTOS, E.; PONCZEK, V. P. **College quality signaling and individual performance: effects on labor market outcomes after graduation**. São Paulo: FGV, 2019. (Working Paper Series, n. 502).
- CALIENDO, M.; SCHMIDL, R. Youth unemployment and active labor market policies in Europe. **IZA Journal of Labor Policy**, v. 5, n. 1, 2016.
- CAMERON, A. C.; TRIVEDI, P. K. **Microeconometrics using stata**. Stata press College Station, 2010. v. 2.
- CORSEUIL, C. H.; SANTOS, D. D.; FOGUEL, M. N. **Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina**. Rio de Janeiro: Ipea, 2001. (Texto para Discussão, n. 797).

HOYNES, H.; MILLER, D. L.; SCHALLER, J. Who suffers during recessions? **Journal of Economic Perspectives**, v. 26, n. 3, p. 27-48, 2012.

KAHN, L. B. The long-term labor market consequences of graduating from college in a bad economy. **Labour Economics**, v. 17, n. 2, p. 303-316, 2010.

KEANE, M. P.; WOLPIN, K. I. The career decisions of young men. **Journal of Political Economy**, v. 105, n. 3, p. 473-522, 1997.

KRAMARZ, F.; SKANS, O. N. When strong ties are strong: networks and youth labour market entry. **Review of Economic Studies**, v. 81, n. 3, p. 1164-1200, 2014.

LASSIBILLE, G. *et al.* Youth transition from school to work in Spain. **Economics of Education Review**, v. 20, n. 2, p. 139-149, 2001.

LAUREYS, L. **The cost of human capital depreciation during unemployment**. London: Centre For Macroeconomics, 2014. (Discussion Paper Series, n. 20).

LEME, M. D. S.; WAJNMAN, S. A alocação do tempo dos adolescentes brasileiros entre o trabalho e a escola. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12. **Anais...** Abep, 2000.

LYNCH, L. M. Job search and youth unemployment. **Oxford Economic Papers**, v. 35, p. 271-282, 1983.

MADALOZZO, R.; MARTINS, S. R.; SHIRATORI, L. Labor market and home production: are men and women equal? **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 2, p. 547-566, 2010.

MENEZES-FILHO, N. A.; PICCHETTI, P. Os determinantes da duração do desemprego em São Paulo. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 30, n. 1, 2000.

OREOPOULOS, P.; PETRONIJEVIC, U. **Making college worth it: a review of research on the returns to higher education**. Cambridge, United States: National Bureau of Economic Research, 2013. (Working Paper Series, n. 19053).

OREOPOULOS, P.; WACHTER, T. von; HEISZ, A. The short-and long-term career effects of graduating in a recession. **American Economic Journal**, v. 4, n. 1, p. 1-29, 2012.

REIS, M. Uma análise da transição dos jovens para o primeiro emprego no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 69, n. 1, p.125-143, 2015.

_____. Educational mismatch and labor earnings in Brazil. **International Journal of Manpower**, v. 38, n. 2, p. 180-197, 2017.

RIDDELL, W. C.; SONG, X. The impact of education on unemployment incidence and re-employment success: evidence from the us labour market. **Labour Economics**, v. 18, n. 4, p. 453-463, 2011.

SAM, V. **Overeducation among graduates in developing countries**: What impact on economic growth? Germany: University Library of Munich, 2018. (Working Paper Series, n. 87674).

SCARPETTA, S.; SONNET, A.; MANFREDI, T. **Rising youth unemployment during the crisis**. Paris: OECD, 2010. (Working Paper Series, n. 106).

TILLMANN, E.; COMIM, F. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no brasil e a geração nem-nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 46, n. 2, p. 47-78, 2016.

Originais submetidos em: agosto de 2018.

Última versão recebida em: março de 2020.

Aprovada em: março de 2020.

